

O que há de casa comum? Políticas do luto e Diálogo inter-religioso¹

*What is left as Common home?
Mourning politics and Interreligious dialogue*

*Maria Teresa Cardoso
Carlos Estellita-Lins*

Resumo

A casa comum, encaminhamento central da *Laudato Si'*, defronta-se com a enfermidade, o sofrimento e a morte. O antropoceno aparece sob forma de zoonose com a crise do COVID-19. Neste contexto perguntamo-nos sobre uma política da casa comum. Este trabalho busca interrogar transversalmente a conversão para uma ecologia integral. Entre outros grupos amazônicos, os indígenas da etnia Yanomami vivem dificuldades no respeito aos seus ritos fúnebres assim como os cristãos experimentam dificuldades na celebração cristã pelos enfermos e mortos da pandemia. A questão do luto na pandemia destaca a importância do diálogo ecumênico, inter-religioso e interdisciplinar. Neste sentido cabe investigar os impasses da fé e as negociações cosmopolíticas que a crise COVID-19 desencadeou, em função da necessidade de incluir um vírus – que afasta pessoas e animais por exigência sanitária, – no interior da catástrofe climática que obriga humanos e não-humanos a perecerem. A enfermidade mostra-se disruptiva para sepultamentos e ritos/liturgias, mas convoca a novas formas de entender o ecumenismo e a experiência religiosa. Propomos que isto seja entendido no sentido da construção da casa comum e do respeito pelos povos tradicionais de acordo com a encíclica. Pretende-

¹ Agradecimentos pela ajuda inestimável a Marcelo Moura, Veronica Miranda de Oliveira, Vania Beatriz Estellita Lins, Laerte Tardelli Hellwig Voss, Chrystiano Gomes Ferraz, Dom Emanuel Xavier Oliveira de Almeida, OSB.



se apontar na direção de uma visada amplamente ecumênica, doravante absolutamente indispensável.

Palavras-chave: Pandemia. Luto. Ecologia integral. Diálogo inter-religioso. Diálogo interdisciplinar.

Abstract

The Common-home, core concept belonging to *Laudato Si'*, has been painstakingly challenged by disease, suffering and death. The anthropocene rose disguised in the form of zoonosis within Covid- Crisis. The politics of Common home is the real question posed in such context. This paper seeks sort of cross-examination on the necessary conversion to an integral ecology. Among many indigenous people in Amazonia, the Yanomami ethnic group are experiencing difficulties concerning their funeral rites just as Christians experience drawbacks in Christian celebration towards sick and dead during the pandemic. The issue of mourning in the pandemic highlights the importance of ecumenical, interreligious and interdisciplinary dialogue. Somehow, we should discuss impasses of faith and cosmopolitical negotiations triggered by COVID-19 crisis, due to the imperious necessity to include a virus - that keeps both people and animals apart due to health requirements, - within the ongoing climate catastrophe that forces humans and non-humans to perish. The disease may be disruptive to burials and rites/liturgies, however calls for new ways of understanding ecumenism and religious experience. We understand it looking forward to the construction of the Common House and respect for the traditional peoples according to the encyclical. These reflections are expected to enhance a broad ecumenical worldview nowadays unavoidable.

Keywords: Pandemic. Mourning. Integral ecology. Interreligious dialogue. Interdisciplinary dialogue.

Introdução

De um modo geral, os humanos, seus exércitos de animais domesticados e de máquinas pensantes não humanas têm sido chamados a mais cuidado e respeito pela morte e pela vida, respeito e cuidado de uns pelos outros, por



Gaia e todos. A produção de carne, criando gigantescos rebanhos e matando animais como aves, suínos e bovinos está associada a grandes epidemias virais desde os anos 1970, com agravamento nos anos noventa. A destruição das florestas, aproximando animais selvagens e diminuindo os reservatórios e zonas tampão tem exacerbado exponencialmente as zoonoses, neste caso através de vetores invertebrados (predominando mosquitos). Os agrotóxicos, além do dano direto na prole dos mamíferos, produzem uma transformação no mundo dos insetos, que são uns dos principais habitantes do planeta em variedade, número absoluto e massa corpórea. Estamos vivendo a sexta grande extinção dos animais e a primeira grande “erosão das espécies vegetais” – ambas provocadas pela *hybris* tecnológica.²

Este chamado não é uma vocação. A resposta tem sido acelerar a produção de tudo – mais venenos, mais remédios, mais vacinas, mais espoliação da casa que jamais é pensada como algo compartilhado. Zoonoses somente são reconhecidas como problema compartilhado quando um estranho salto de uma espécie selvagem aos humanos é capaz de paralisar a economia. Mas, note-se, paralização realizada com resistências, dificuldade e prazos.³

A casa comum pode deixar de ser casa de habitação no planeta. Uma discussão se faz urgente sobre a utilização dos recursos, a mudança do estilo de vida, a reorganização da produção dos modos de viver. Os recursos da terra não são infinitos, a biodiversidade diminuiu drasticamente e como tudo está cada vez mais interligado, inúmeras formas de vida estão ficando completamente vulneráveis.

A encíclica *Laudato Si'* menciona que as culturas indígenas “devem tornar-se os principais interlocutores” nesse diálogo.⁴ As sociedades

² CREUTZEN, P. et al., A safe operating space for humanity, p. 472-475; ver também: KOHN, E., Toward an ethical practice in the Anthropocene, p. 215-216; POVINELLI, E. A.; COLEMAN, M.; YUSOFF, K., An interview with Elizabeth Povinelli, p. 169-185.

³ MBEMBE, A., O direito universal à respiração. Sobre zoonoses ver: SOUZA, L. L., Comer Animais e Zoonoses, p. 24; AL-TAWFIQ, J. A.; ZUMLA, A., Travel implications of emerging coronaviruses, p. 422-428.

⁴ LS 146: “Neste sentido, é indispensável prestar uma atenção especial às comunidades aborígenes com as suas tradições culturais. Não são apenas umas minorias entre outra, mas devem tornar-se os principais interlocutores, especialmente quando se avança com grandes projetos que afetam os seus espaços. Com efeito, para eles, a terra não é um bem econômico, mas dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descansam, um espaço sagrado com o qual precisam interagir para manter a sua identidade e os seus valores. Eles, quando permanecem nos seus territórios, são quem melhor os cuida. Em várias partes do mundo, porém, são objeto de pressões para que abandonem suas terras e as deixem livres para projetos extrativos e agro-

tradicionais são guardiãs importantes do meio ambiente e dotadas de práticas ecológicas e formas de cuidado que têm sido estudadas em função de seu reconhecido sucesso. Elas podem ensinar à cultura ocidental modos de proteger o ambiente e de buscar integrar-se com a natureza ou a criação. Cabe aprender a viver de modo diferente – para sobreviver, para melhor viver, para que futuras gerações ainda possam de novo viver.

O tema habitual de uma vida infinita na terra e de uma destinação salvífica eterna se reverte de modo análogo àquele da História. Não há garantia de que a espécie prossiga, mas há certeza de que não poderá mais praticar progresso, apropriação da natureza e transformação do meio ambiente como usualmente fez, pois ela própria se tornou agente transformador em larga escala, um “agente geológico”. No lugar da técnica, pensada exclusivamente sob as relações entre homens fazendo a História, temos agora a tecnologia dos humanos fazendo “geologia” num curso irreversível.⁵

Também na discussão da morte e da vida, da pandemia e do luto, aparece a importância do diálogo inter-religioso e interdisciplinar. Não caberia em um artigo tentar descrever o alcance da fé, nem o mundo de possibilidades para ações políticas que o sofrimento sincronicamente vivido no planeta nos últimos oito meses acarretou. Neste sentido cabe investigar os impasses da fé e as negociações cosmopolíticas que a crise desencadeou, em função da necessidade de incluir um vírus – que afasta pessoas e animais por exigência sanitária, – no interior da catástrofe climática que obriga humanos e não-humanos a perecerem.⁶ Contudo acreditamos que deve haver circunstâncias pertinentes para abordar os paradoxos típicos do antropoceno, em que os habitantes de Gaia começam a reconhecer-se e tentar nova coabitação da casa, para que ela se torne efetivamente comum.⁷ Apostamos no luto enquanto política durante a crise COVID-19.

pecuários que não prestam atenção à degradação da natureza e da cultura”.

⁵ LATOUR, B., *Politiques de la nature*; CHAKRABARTY, D., *The human condition in the Anthropocene*, p. 18-19; LATOUR, B.; CHAKRABARTY, D., *Conflicts of planetary proportions*, p. 1-36.

⁶ Sobre o sentido de cosmopolítica que se distancia de Kant (cosmopolitismo) e busca reunir práticas da ciência, arte e religião, ver: STENGERS, I., *A proposição cosmopolítica*, p. 442-464.

⁷ STENGERS, I., *Cosmopolitiques*, t.1. Ver também: LARRÈRE, C., *Biodiversity*, p. 125-133; NORRIS, A., *Jean-Luc Nancy and the Myth of the Common*, p. 272-295; OSTROM, E., *Governing the commons*.

1. Da experiência do antropoceno para uma política da casa comum

No contexto do Antropoceno, tomemos duas observações, entre muitas possíveis. Uma delas, antes sabida, agora duramente experimentada, é que a vida vem sendo sempre mais ameaçada. As mudanças climáticas trazem consequências drásticas, uma das quais é o favorecimento de zoonoses, como esta da COVID-19, que trouxe uma pandemia sem previsão de quando poderá ser detida, controlada e superada. Estamos diante da morte que se multiplica de modo inédito. Não se trata mais da natureza ou criação adversa, selvagem, descontrolada. São os mecanismos supostamente controladores da natureza, em seu caráter cultural e sobretudo híbrido, que se apresentam como multiplicadoras da morte e inviabilizadoras da vida da espécie. Ou pelo menos dos modos de vida conhecidos e tidos por superiores pois mais técnicos e progressistas. A criatura substituindo a própria ideia de criação continua sendo um tema frequentado entre os modernos.

Na primeira década deste século os cientistas entram em acordo sobre uma catástrofe climática criada pelo homem, chamada antropoceno. Neste ano, emergiu mais uma enfermidade diretamente ligada ao rumo disruptivo do planeta. Trata-se de doença com letalidade entre 5 e 15% e com danos permanentes aos recuperados da infecção. Sua alta taxa de contágio torna os hospitais espaços perigosos e impede que moribundos sejam visitados por familiares, amigos ou sacerdotes. Algumas restrições se estendem aos enterros e cerimônias fúnebres. O antropoceno aparece sob forma de zoonose com a crise do COVID-19, imiscuindo-se nas formas de habitar a casa e trocar de moradas.⁸

Em função da elevada virulência do novo SARS Covid-2, há um interdito de visita ao hospital, especialmente nas unidades de cuidado intensivo (CTIs), que são o principal destino dos acometidos com gravidade. Isto significa que a unção dos enfermos, as palavras de conforto ou contato humano serão negados aos que irão morrer. Uma simples ida ao hospital pode significar uma despedida definitiva e inesperada. Do mesmo modo, os sepultamentos se tonam insalubres e perigosos.

Trata-se de uma morte sem rosto, bem coerente com a noção de progresso capitalista destrutivo e predatório, com nossa transformação em números e personas digitais, sempre convertíveis em simulacros manipulados. Trata-se igualmente de uma morte indigna para a aventura humana sob a cooperação

⁸ Não há novidade nas zoonoses, mas em sua escala e monotonia, DIAMOND, J., *Guns, germs and steel*.

com Gaia, forma altamente proteiforme e flexível reunindo todos os viventes na superfície de um planeta tornado irrisório. Talvez os humanos tenham condenado a si próprios e não admitam o curso efêmero de seu pensamento e de sua existência.

No contexto do Antropoceno estes agravos exigem conversas, pesquisas, debates, diálogo ecumênico.⁹ Existe um documento ecológico do catolicismo, que foi saudado por outras igrejas e por pesquisadores do antropoceno e da biomedicina. Pode-se ler o texto como convite a criação de uma casa comum que não existe. Pensamos que estaria por ser criada, e novamente habitada através de outros modos de existência. Se isto é uma tarefa política, teológica, cosmológica, ética ou moral deve-se discutir, porém aqui cabe apenas expor uma situação relacionada. A casa comum, encaminhamento central da *Laudato Si'*, defronta-se, portanto, com a enfermidade, o sofrimento e a morte. Muitos já se foram: até a data de submissão deste artigo foram 135 mil mortos. Nossa experiência de momento, e mesmo definitiva, é de luto. O luto tem um aspecto avassalador de caráter definitivo, assim como demanda ritos em todas as sociedades conhecidas, que precisam ser respeitados pois são sagrados e muito importantes para o viver.

Escolhemos duas situações de impasse no antropoceno: a união dos enfermos proscrita das UTIs e o enterro distante da aldeia, sem cremação ou cuidado dos ossos, impedindo os fluxos longos de obrigações rituais Yanomami. Estas questões mobilizam os vivos e seus mortos. Pretendemos indicar que as transformações de ritos funerários inauguradas pela catástrofe não são incompatíveis com o sagrado, ou a sobrenatureza, e poderiam ser capazes de promover diálogo e criação da casa comum. Devem ser entendidas como novas formas de política que conecta vivos e mortos, animais e humanos, máquinas tecnológicas e pobreza despojada. Há que sublinhar a discussão sobre o consumo e a retomada dos sentidos de despojamento pela *Laudato Si'*, lembrando que a *Gelassenheit* heideggeriana (uma crítica da técnica) parece ter ido buscar inspiração na mística medieval católica de Mestre Eckhart, no pietismo e no budismo de Schopenhauer.¹⁰ Os tempos recentes têm trazido experiências duras a propósito da morte e da vida.

⁹ Em sentido mais extensivo envolvendo as confissões de fé, as disciplinas diversas, todos os âmbitos de tentativa de habitação da casa comum, e quiçá um encontro com as ciências da religião e a antropologia social.

¹⁰ Interessa especialmente investigar a matriz medieval, ver: PANZIG, E. A., “Gelâzenheit und Abegescheidenheit”.

Cuidar da vida é também cuidar da morte, no sentido de levar a sério a morte de quaisquer viventes.

Durante a pandemia assistimos a grupos religiosos que se negavam a interromper seus cultos em função do dízimo e do fluxo de capital que organizam. Assistimos a prefeitos que tentaram colocar equipamentos radiológicos dentro de suas igrejas. Assistimos aos fundamentalistas e tradicionalistas de todos os matizes e religiões lamentando determinações sanitárias que proibiam cultos presenciais. A atitude negacionista se colocou contra a vida e incondicionalmente em favor dos “negócios-de-sempre” (BAU – *Business As Usual*) – para nada perder, para continuar calculando, para não olhar seus dejetos. Mas igualmente houve gestos e determinações que reconheciam o vírus, um estranho quase-vivente, parasita intracelular obrigatório, e buscavam “conversar” com ele, estabelecer negociações.

Que gestos seriam estes? Qual seu teor político e seu interesse para uma renovação do diálogo inter-religioso? O propósito é tocar na temática da vida e da morte, hoje/agora/neste momento tão contundente, e sublinhar a importância de ter em conta as referências ao sagrado, ao mundo simbólico, às cosmopolíticas, admitindo inclusive a contribuição do diálogo inter-religioso e interdisciplinar. Cabe, portanto, desdobrar as modalidades de interação do diálogo entre religiões e cosmologias e por isso desvendar as possíveis contribuições do dialogismo interdisciplinar.

Dois atores foram infelizmente muito destrutivos para estes povos originários: o missionarismo da contra-reforma e o projeto colonial. Ambos se reciclaram sob o capitalismo e mostraram-se capazes de remanejamentos ideológicos e sua prática prosseguiu sob o imperativo do progresso que se apropria da natureza inesgotável e das almas errantes. A casa comum nos convida, ou exige, ao reconhecimento de uma *hybris*, de um orgulho e exagero egoísta, pouco-cristão e imperial – a natureza não é inesgotável e as almas não são errantes. O erro está no etnocentrismo e no antropocentrismo. O erro é desconhecer o caráter recíproco da hospitalidade, que, por que não, também deveria incluir a transcendência. O respeito pela casa nos levaria ao respeito por todos seus habitantes? Os terranos... O respeito pelo fim da vida compartilhada nos levaria a novas compreensões do fim de todas as coisas?¹¹ A finitude... Nossos mortos...

¹¹ Utilizamos a expressão em sentido kantiano, que como é notório, problematiza o conceito de eternidade na noção de vida eterna do cristianismo: KANT, I., *O fim de todas as coisas*, p. 154-181.

2. Os Yanomami querem enterrar seus mortos e pedem diálogo para uma solução digna

A *Laudato Si'* explicita a importância de escutar o clamor socioambiental: “reconhecer que *uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres*”.¹²

Escuta-se um clamor para a solidariedade nas situações de pandemia, onde estamos em torno à questão da vida e da morte, dos enfermos e dos enlutados. Outros grupos, outros povos, estão irmanados nos sofrimentos, enfermidades, mortes. Se por um lado são necessárias medidas de restrição, por outro lado existe a dificuldade de se poder praticar as celebrações e ritos conforme as mais distintas concepções de fé e cultura. Os povos do planeta terra têm nos ritos funerários referências diversas, e cada uma de suas concepções têm igual direito. Eles evidentemente têm crenças e ritos funerários fundamentais de caráter axiológico incontornável. Assim, é preciso admitir as políticas que exigem respeito a todos e a cada um dentro do seu próprio contexto. Somente um excepcionalismo etnocêntrico ignoraria a exigência de simetria nas crenças e verdades que qualquer noção mínima de respeito impõe. Igualmente importante é que todos possam viver de acordo com suas crenças e culturas, também na ocasião do luto.

A relação entre os vivos e os mortos vem ocupando a etnologia brasileira dedicada aos Gê, aos tupi, aos povos do rio Negro, aos arawak das guianas de modo intensivo com resultados surpreendentes para a compreensão da etnologia e sobretudo da chamada “virada ontológica”.¹³ Manoela Carneiro da Cunha e Eduardo Viveiros de Castro mostraram que a metafísica elaborada e a complexidade ritual de muitos grupos sul-americanos, incluindo sobretudo os tupinambás, estava ligada ao “comércio” com os mortos em operações cosmopolíticas de acordo com suas complexas escatologias.¹⁴

Coube a Bruce Albert desenvolver estudos entre um grupo singular, os Yanomami, resgatando aspectos de caráter ecológico que se expressam

¹² LS 49. Grifo no original consultado.

¹³ CARNEIRO DA CUNHA, M. C., Pontos de vista sobre a floresta amazônica, p. 7-22; HEYWOOD, P., The ontological turn; ver também: HOLBRAAD, M.; PEDERSEN, M. A., The ontological turn.

¹⁴ VIVEIROS DE CASTRO, E.; CARNEIRO DA CUNHA, M., Vingança e temporalidade, p. 191-208; VIVEIROS DE CASTRO, E., Araweté; CARNEIRO DA CUNHA, M., Escatologia entre os Krahó; CARNEIRO DA CUNHA, M., Os mortos e os outros.

no livro comum redigido com o xamã Davi Kopenawa intitulado “A queda do céu”.¹⁵ Poderíamos ler este livro como um tratado de teologia política, sem dificuldade. Nele ressoa a mesma questão papal. Os brancos não sabem sonhar e são gananciosos buscadores de metais dentro da terra. Com este produto ferem os céus e acabam sendo atingidos por um desabamento (*Zusammenbruch*¹⁶) que reinstaura coisas desconhecidas de nós, mas caras ao jardim e seus animais, que é a Amazonia.¹⁷ William Balée demonstrou que a floresta amazônica tem origem antropogênica e remonta a mais de 1500 anos atrás.¹⁸

Para os Yanomami, as epidemias são consideradas dentro da classificação ampla de *xawara*, doenças exógenas e devastadoras, assim como as doenças “do morcego” e “do tatu”, que se relacionam com a chegada dos brancos, como por exemplo através do garimpo.

Em relação com a COVID-19, por um primeiro momento vieram as notícias da nova *xawara* e as interpretações do vírus era como de um espírito da floresta, um *xapiri* dotado de flechinhas de luz e os brancos seriam os vetores, portadores do mal. A etiologia xamânica assim traduz as zoonoses. Depois das notícias de nova epidemia dos brancos, veio a notícia de haver chegado aos Yanomami. Porém, a nova perplexidade e o desespero deu-se quanto à ideia de enterro com protocolos de biossegurança, compulsório, que não considerava suas concepções sobre os vivos e os mortos e os ritos fúnebres correspondentes. Bruce Albert resume uma preocupação a respeito dos ritos funerários que deveriam ser observados:

De acordo com os costumes Yanomami, os defuntos devem ser cremados e chorados coletivamente por suas comunidades e as cinzas de seus ossos conservada para serem sepultadas ao longo de várias festas coletivas de

¹⁵ KOPENAWA, D.; ALBERT, B., A queda do céu.

¹⁶ Com um termo característico do ocaso nietzschiano gostaríamos de assinalar a proximidade de colapso, esgotamento, enlouquecimento, falência financeira, queda, mas sobretudo de veracidade do abismo no sentido de iluminação. ESTELLITA-LINS, C., Ainda sobre os enigmáticos bilhetes de Frederico Furioso em seus últimos dias em Turim, p. 81-96. Caberia ainda a pergunta pela interpretação kierkegardiana da queda. O que os yanomami poderiam nos ensinar sobre o Pentateuco?

¹⁷ Sobre a interseccionalidade com a teologia política ver: VIVEIROS DE CASTRO, E., O recado da mata; VILAÇA, A., Do Animists Become Naturalists When Converting to Christianity?, p. 3-19.

¹⁸ BALÉE, W., Indigenous transformation of Amazonian forests, p. 231-254; BALÉE, W., Sobre a indigeneidade das paisagens, p. 9-23.

aliança (reahu). O propósito desses rituais é “colocar no olvido” as cinzas do morto, o que deve garantir a viagem sem retorno de sua alma (pore) até “as coisas do céu” onde viverá uma nova vida sem mal.¹⁹

Marcelo Moura lembra como ocorreu para o primeiro óbito por COVID-19 entre indígenas:

Registrou-se o primeiro óbito por COVID-19 entre os indígenas da etnia Yanomami. Poucas horas depois de falecer em Boa Vista, na UTI do Hospital Geral de Roraima, a vítima – um adolescente da comunidade Helepe – foi enterrada em um cemitério da mesma cidade, sob procedimentos emergenciais recomendados no protocolo de biossegurança do Ministério da Saúde, adotados pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) e os Distritos Sanitários Especiais Indígenas (os DSEI's).²⁰

Esta conduta, que como tudo que busca legitimidade na crise covid brasileira, foi apressadamente transformada em “protocolo”, acabou implementada logo depois de declarada a pandemia pela OMS/WHO. A decisão governamental, modificando ordenamento anterior, atendia a necessidade de sepultamento rápido evitando circulação dos corpos, especialmente em locais sem condição de manter cadáveres em condição de sepultamento posterior. A lição do Ebola e a inexperiência sanitária açodaram decisões. Os pranteados foram tratados com descuido e os enlutados talvez mais ainda.²¹ Há exceções tecnológicas dispendiosas como o congelamento, além do que a OMS/WHO zela por inúmeras recomendações de sepultamentos adequados ao local e cultura, recomendações que muitas vezes acabam ficando “congeladas” nos paradoxos multiculturalistas. Esse duplo acontecimento – a morte pelo novo vírus e o sepultamento de biossegurança compulsória – ao mesmo tempo em que inseriu com violência os Yanomami na globalização das estatísticas de óbito por COVID-19, também exibiu o enorme abismo das diferenças entre

¹⁹ ALBERT, B., Yanomami.

²⁰ Depoimento pessoal oral do antropólogo durante seu trabalho de campo em aldeias Yanomami e na cidade de Rio Branco (RO), em Agosto de 2020, aos autores por telefone e e-mail.

²¹ Como tem sido discutido, o Ministério da Saúde não vem adotando coerentemente as recomendações de organismos internacionais de Saúde, contudo foi signatário de um documento logo na primeira semana de decretação mundial da pandemia, que estabelece procedimentos excepcionais para sepultamento e cremação de corpos durante a situação de pandemia do coronavírus: CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, Portaria conjunta nº 01, de 30 mar. 2020.

a experiência local dessa cultura particular e o contexto pandêmico mundial, sob a administração local desastrosa e confusa do Ministério da Saúde.

Idealmente o corpo de um morto respeitado – temido, bom retórico, capaz de dar e prover sua comunidade ou de guerrear contra os inimigos – seria suspenso num jirau ritualístico no alto da copa de imensas árvores, ficando por lá até que somente os ossos fossem reconhecidos. Os ossos, parte incontornável da pessoa Yanomami, deverão seguir seu caminho escatológico e assumir a forma de cinzas sagradas. O morto deve ir ter com os seus, deve estar com os seus na aldeia. Não se trata de se desfazer de um corpo nem de se despedir. O que parece importante é transformar-se perante o morto – sua viagem, de morto, é também a viagem de cada pessoa viva até o seu devido lugar. Por fim, as cinzas devem desaparecer.

São estes os principais aspectos da cosmologia e do ritual (chamado *reahu*) que se coloca aqui ao lado das liturgias a convite do Papa Francisco. Significaria: “enquanto as cinzas dos mortos não desaparecem, sua permanência ressurgente como a causa insistente de doenças. O desequilíbrio da relação entre vivos e mortos resultante deste resíduo é o excesso patogênico dos *poré* que o *reahu* quer eliminar, buscando fazer desaparecer corpo e memórias”.²² Em contrapartida o *reahu* é, também, “*imprescindível* para os mortos que poderão, enfim, realizarem sua trilha final para a vida póstuma”.²³ O *reahu* implica na plantação de uma horta capaz de alimentar uma aldeia inteira e seus convidados durante o período de festas e danças fúnebres. O tempo da horticultura é tempo da terra e de luto.²⁴

O enterro biosseguro compulsório é, não só uma ofensa ao morto e aos seus parentes, mas uma desestabilização perigosa da separação entre vivos e mortos, cuja falência é um “prenúncio do fim da sociedade”. Tamanha ruptura teria um impacto anômico análogo àquele do suicídio investigado por Durkheim. Sobre isso, sem uniformizar os grupos, mas para exemplificar

²² SMILJANIC, M. I., Os enviados de Dom Bosco entre os Masiripiwëitheri, p. 137-158.

²³ SMILJANIC, M. I., Os enviados de Dom Bosco entre os Masiripiwëitheri, p. 137-158; ver também: MOURA, M.; ESTELLITA-LINS, C., Xawara e a crise-covid (no prelo).

²⁴ A complexidade etnográfica do *reahu* e sua beleza soberana escapa ao escopo do artigo. É preciso que uma roça seja plantada para alimentar os convivas. Pode-se apenas lembrar que as mulheres aparentadas irão dançar em sua homenagem, desempenhando participação análoga aos xamãs, que são exclusivamente masculinos entre os Yanomami. Trata-se de uma grande festa com o deslocamento de aldeias inteiras, em canoa, durante horas ou dias pela floresta. Ver: ALBERT, B., Temps du sang, temps des cendres; ALBERT, B., O ouro canibal e a queda do céu, p. 239-276.

a complexidade do problema, e apontar para a necessidade do respeito e da participação do que clama no contexto da busca de soluções, ou na política do pranto em torno a uma fé, ou uma crença, veja-se o relato do antropólogo Bruce Albert sobre os Yanomami. Ele faz refletir sobre o problema dos mortos sem sepultura. Denuncia a falta de ética no procedimento de sepultar um Yanomami sem o consentimento dos familiares, dado que os ritos devem ser respeitados e feitos com pleno acordo dos familiares e da cosmologia Yanomami. Para não se infligir um sofrimento sem reparos, no contexto da pandemia seria importante buscar o diálogo inter-religioso, antes de se ter presente um modo de proceder. Embora documentos da OMS/WHO reconheçam a experiência singular de cada ritual, o impasse se expressa mais claramente quando um Comitê da Cruz Vermelha explicita que:

Existindo conflito potencial entre as práticas culturais e as salvaguardas adicionais para evitar exposição e propagação do vírus, estas últimas tem precedência e devem ser feitos esforços para assegurar que isto seja entendido, aceito e apoiado pela comunidade envolvida e por autoridades religiosas e parentes próximos.²⁵

O relativismo reconhece que Antígona tem um problema, mas não quer ver que seu problema é o próprio Creonte, pois não se dispõe a ver que não se trata apenas de aceitação. Isso poderia aplicar-se a qualquer cultura, ou a qualquer aldeia entre as diversas dentre os Yanomami. Bruce Albert observa, como citamos a seguir, que o sepultamento sem o consentimento dos familiares constitui falta de ética e ausência de empatia:

Sepultar vítima Yanomami sem o consentimento de seus familiares demonstra uma grave falta de ética e uma total ausência de empatia das autoridades sanitárias com o desamparo deste povo face à COVID-19. Além do mais, dispor de um defunto sem rituais funerários tradicionais constitui, para os Yanomami, como para qualquer outro povo, um ato inumano e, portanto, infame.²⁶

²⁵ FINEGAN, O.; FONSECA, S.; GUYOMARC'H, P. et al., International Committee of the Red Cross (ICRC), p. 130-131. Para o documento da WHO/OMS e uma revisão sistemática ver: WHO/OMS, World Health Organization, p. 17; YAACOU, S.; SCHÜNEMANN, H. J.; KHABSA, J. et al., Safe management of bodies of deceased persons with suspected or confirmed COVID-19, p. e002650.

²⁶ ALBERT, B., Yanomami.

Algum tempo depois três bebês Yanomami faleceram por COVID-19 e receberam o mesmo rumo preconizado pelas autoridades sanitárias. Por sua vez, Dario Kopenawa, diretor da Hutukara Associação Yanomami (HAY), expressa, mediante o Instagram, como os enterros compulsórios sem consentimento e nem mesmo informação constituem um desapeço muito danoso para com a sua cultura. Diz ele: “É um enorme desrespeito com a nossa cultura. Os corpos são enterrados sem que ninguém explique nada, sem que as famílias sejam consultadas, sem que peçam autorizações para as mães”.²⁷ Deveria ser considerado que para a sua cultura, os corpos não são enterrados, mas cremados e faz-se longo ritual para que o morto possa realizar a sua passagem, dependente das cinzas. Mas o quiproquó inicia-se com o prestígio científico, que apresenta a ciência como unidade *ad hoc*, sem que seja jamais vista como algo em construção, negociado, feito de gestos especulativos e lentidão sapiente. A espiritualidade antiga do cristianismo poderia nos falar algo sobre a nuvem de não-saber ao invés de se insistir em interpretar Aristóteles. Poderia conversar com os xamãs, olhando diretamente para a morte, mais do que gerindo cadáveres sob a necropolítica usual. Bruce Albert, prosseguindo na síntese supramencionada, explica ainda que, sem esse ritual, as almas dos mortos voltarão a chamar os vivos:

Na falta desse tratamento ritual das cinzas funerárias, considera-se que as almas dos mortos voltarão sempre para chamar os vivos durante seus sonhos, causando-lhes uma nostalgia e uma melancolia sem fim. Poder conduzir o luto dos seus mortos de maneira culturalmente apropriada é, portanto, tanto na sociedade Yanomami quanto na nossa, um direito humano básico.²⁸

Assim sendo, para se atender a essa concepção, haveria que se respeitar o direito de não ser assombrado pelas almas dos mortos, como o de ter cumprido sua função de pai, mãe, parente, ou personagem encarregado e eticamente responsável, seja vivo ou morto. Albert Bruce explicita que sem esse direito os familiares teriam perdido os entes queridos e ainda haveriam de sofrer para sempre:

Sem o respeito deste direito fundamental, os familiares das vítimas Yanomami da COVID-19, além de terem perdido os seus entes queridos,

²⁷ KOPENAWA, D., Depoimento.

²⁸ ALBERT, B., Yanomami.

deverão sofrer para sempre, como uma segunda morte em vida, o luto inextinguível da sua ausência.²⁹

Por isso, Dario Koppenawa faz saber que “as lideranças Yanomami reivindicam um protocolo para os mortos por COVID-19”; reivindica-se “que possa haver uma higienização dos corpos ou, se isso não for possível, que eles sejam cremados”; o líder expressa então mais que um desejo nesses procedimentos: “poderemos levar as cinzas para as aldeias” – trata-se de cumprir a tarefa soberana do rito fúnebre e seu luto. Porém, as lideranças queixam-se de que ainda faltam: crematório, vontade de compreendê-los e “um plano de contingência emergencial”.³⁰ Trata-se de um povo que mantém a habilidade de negociar com “os civilizados” e que entende a ordem do cosmos sob a tristeza. Considera-se, portanto, como fundamental, que seria também necessário empreender medidas emergenciais com todo zelo, da gestão pública e dos órgãos de saúde, e de pesquisas da ciência, na busca da contenção e superação da pandemia. Aprendemos com a etnologia que os ritos de sociedades tradicionais podem se tornar altamente lábeis e sofrer mutações rápidas.

Ao mesmo tempo, e também para que se possam melhor fazer essas negociações, em vista do que foi dito, da importância do respeito às pessoas e aos povos e da justa reivindicação dos Yanomami, seria necessário fomentar o diálogo inter-religioso, empreender uma conversa intercultural não-relativista, bem como diálogos com as ciências através das autoridades sanitárias, em busca de soluções aceitáveis, tanto para a segurança como para o devido respeito aos costumes. Evidentemente que as recomendações da biomedicina buscam valorizar a dimensão “cultural”, contudo apostam no conhecimento da natureza como algo único, divinizado e simplificado. Entendemos que há uma política do conhecimento assim como das crenças ou da fé. Percebemos aqui que, em lugar do vazio de uma cova ou de uma tragédia incontornável, vão se chegando lentamente personagens ativos e interessados no luto. Diálogo aqui significa menos solução e mais uma tarefa interminável de tradução.

Observamos que somos chamados ao encontro com uma cultura muito diversa dos ritos cristãos, mas com seus próprios significados, entre os quais o luto tem lugar privilegiado. Importa escutar seu sofrimento, sua queixa, sua lição. Sem procurar estabelecer comparações, posto o princípio de que as

²⁹ ALBERT, B., Yanomami.

³⁰ KOPENAWA, D., Depoimento.

culturas, como as línguas, são irreduzíveis sob muitos aspectos, observamos também que em nossa cultura estamos enfrentando muito sofrimento, também por conta da pandemia. Os enfermos e os mortos não estão fáceis de esconder. É necessário buscar medidas sanitárias; mas cumpre assegurar que elas não venham a tolher a dignidade e a possibilidade de se viver o luto e a relação com a própria cultura.

Ao passo que a morte no Ocidente altamente medicalizado deixou há muito de ser caseira, pranteada e pública, ou inserida dentro de sua comunidade de familiares e vizinhos e amigos, perdemos quase todos os ritos de assistência pessoal e comunitária para os enfermos e para suas famílias, que também eram ritos de alcance para a comunidade.³¹ Perdeu-se também maior abrangência dos ritos fúnebres segundo as tradições da própria sociedade ocidental; isso também se aplica de certo modo no âmbito dos serviços da religião cristã. A antropologia debruçou-se sobre sua importância em inúmeras outras sociedades à medida que os brancos trocaram o sonho da vida eterna pelo devaneio de mais algum “tempinho” de vida – sempre auxiliados por próteses, medicamentos, intervenções e alienações. Pode-se afirmar que cuidar da vida depende necessariamente de cuidar dos mortos.

3. Celebração cristã pelos enfermos e mortos da pandemia

Quando se trata de mortes urbanas, e as mortes acontecem de diversos modos, temos, frequentemente, a morte hospitalar e nada hospitaleira; e muitas vezes as mortes violentas – veículos automotores, assassinatos e suicídios; sobressai como seria importante todo e qualquer empenho em ajudar a proporcionar uma despedida da vida ou uma boa morte.

Do mesmo modo que tem grande importância prestar atendimento aos enfermos é imprescindível viver o luto, e talvez reconhecer um direito transcendente e cosmológico à esta experiência transindividual dos rituais fúnebres, tendo-se em conta as concepções culturais e religiosas de cada qual sobre a vida e a morte. O fato é que durante a Peste, o Estado se desorganiza. O Direito, inclusive canônico e litúrgico, é forçado ao trabalho de rever sua capacidade de resposta.

Em nossos tempos, o cuidado da vida se repropõe, e a *Laudato Si'* estende esse cuidado desde as pessoas fragilizadas a todas as criaturas, e a

³¹ ARIÈS, P., *Essais sur l'histoire de la mort en Occident*; ARIÈS, P., *L'homme devant la mort*; GORER, G., *The pornography of death*, p. 49-52; GORER, G., *Death, grief, and mourning*.

toda a terra. Seria necessário buscar viver uma aliança universal, para se salvar ou construir a casa comum. Pelo clamor da terra e dos fragilizados aparece uma convocação. No contexto da pandemia, acentua-se a percepção de que “estamos afundando”, importa que “procuremos delinear grandes percursos de diálogos que nos ajudem a sair da espiral de autodestruição onde estamos afundando”.³² Porque a crise acentuou-se bem mais. Se a convocação da terra era já para viver uma aliança universal com reponsabilidade, no espírito de fraternidade, humildade e sobriedade feliz, particularmente pela solidariedade, também essas exigências éticas se acentuam. Incluem-se, certamente, as chamadas “obras de misericórdia”, tão veementemente sublinhadas no Jubileu Extraordinário da Misericórdia, que são obras relacionadas com os fragilizados e necessitados, com os enfermos, com todos os vivos e com os mortos.

Constatado ser necessário adotar critérios de prevenção e ao mesmo tempo estar atento às necessidades espirituais e materiais, ou seja, todas as questões humanas fundamentais, colocou-se desde o início da pandemia, o problema específico do tratamento dos enfermos e dos mortos. Entretanto, verificou-se que infelizmente já não se pode dar a mesma assistência da fé.

Após a confirmação da pandemia, diferentes religiões começaram a adotar medidas de restrição e afastamento ou de atendimento a determinações governamentais; ao mesmo tempo, algumas procuravam ir ao encontro das diretrizes da OMS – que recomendavam ao mesmo tempo medidas restritivas e também e respeito às culturas. Não há dúvida que os conflitos proliferaram, de modo aberto para alguns ou na calada noutros casos.

Assim foi noticiado, logo ao início do reconhecimento da pandemia em nosso País, que líderes cristãos, judeus, muçulmanos e de terreiros de umbanda, ou de diversas religiões, estavam tomando decisões de suspender seus cultos e celebrações por tempo indeterminado, evitando aglomerações. Uma mesma notícia, porém, que anunciava essa adesão, informou que, paralelamente, alguns líderes de igrejas conhecidas no Brasil manifestaram, ao invés, que não pretendiam fechar seus templos, havendo sugestão para os fiéis não ouvirem notícias de pandemia, e havendo conselhos com pretensões de fornecer imunidade viral por meios espirituais.³³ Já em relação com ondas neopentecostais, estudo desenvolvido

³² LS 163.

³³ MACHADO, L., De cultos online a ‘não leia notícias sobre pandemia’.

na UFJF publicado sob o título *Religião em tempos de Crise*,³⁴ um capítulo (da autoria de Elisa Rodrigues e Ana L. Gouvêa) discute como igrejas do mundo do “pentecostalismo” (principalmente neopentecostalismo) estariam atuando em sinergismo com a própria crise, numa linha descrita como de “conservadorismo”.³⁵

Na Coréia e na França foram identificados eventos religiosos responsáveis por supercontaminação viral (“*superspread*”) que levaram muitos fiéis à morte. O contexto de desobediência civil, leniência e danos à saúde pública em ambos os casos, que foram suficientemente documentados por epidemiologistas, conduziu à responsabilização jurídica de pastores e Igrejas, com os devidos pedidos de desculpas, etc.

Embora a escolha sanitária imprudente e condenável de manter as reuniões de culto estivesse relacionada com o mundo considerado usualmente como neopentecostal, cabe considerar que houve algumas igrejas do pentecostalismo clássico procurando alinhar-se com os critérios de prevenção, como se pode constatar na orientação oficial proposta no âmbito das igrejas do Evangelho Quadrangular.³⁶ Tais igrejas, já desde o início, alinhavam-se explicitamente com a OMS, que declarara a pandemia e com as medidas de emergência emitidas também pelos órgãos públicos responsáveis pela saúde. Por isso, nas suas diretrizes, essas igrejas procuravam “suspender todo e qualquer evento com aglomeração de pessoas”; utilizar “as redes sociais mídias, televisão e rádio para a transmissão dos cultos”; “não realizar eventos ou reuniões de grupos missionários de idosos e crianças”; desenvolver antes um “teletrabalho”; para os que optasse por “aumentar o número de cultos”, houve cuidado para não coincidir com horários de picos no transporte, sempre guardar as medidas de higienização, assim como ter a duração do culto em tempo reduzido; procurar ter “plantão para atendimento individualizado e orações pelos necessitados”.

Também no site Notícias Adventistas, na forma de uma Circular, foram divulgadas várias medidas restritivas, como sobre número reduzido (máximo de 12) pessoas a poder reunir-se, avisos sobre restrições para pessoas em grupo de risco, apresentando as medidas de modo explicitado, aconselhando “bom senso, equilíbrio e serenidade”; procurava sugerir material de apoio e atividades para serem feitas nos lares.³⁷

³⁴ PIEPER, F.; MENDES, D. (Org.), *Religião em tempos de crise*.

³⁵ RODRIGUES, E.; GOUVÊA, A., *Pentecostalismo, política e conservadorismo*, p. 35-61.

³⁶ RODRIGUES, I., *Procedimentos e Orientações*.

³⁷ ALVES, R., *Circular de orientações para pastores e líderes de igreja quanto ao Coronavírus*.

É sabido que, de modo semelhante, muitas igrejas também procuraram, já ao início da pandemia, restringir a sua atividade cultíca presencial, até o fechamento dos templos, ao passo que houve ao mesmo tempo de várias partes a promoção de assistência material para atender aos necessitados.

Verifica-se que igrejas, diante da pandemia, alinharam-se no respeito a medidas de prevenção da Covid19, adaptando seus cultos e suas atividades, e procurando acompanhar as determinações do Ministério da Saúde e demais autoridades responsáveis pela saúde pública. Isso englobaria mesmo outras igrejas do mundo pentecostal, especialmente mais clássico, e as igrejas de tradições históricas – como católica, ortodoxas, luteranas, metodista, batistas e outras.

Sempre com vistas para a perspectiva ecumênica e interdisciplinar, adotada neste artigo, esta seção considera algumas medidas tomadas em igrejas cristãs de tradição histórica, aqui destacando-se, para as considerações subsequentes, dois exemplos – a Igreja Católica e a Igreja Luterana. Poderiam ser discutidas outras igrejas, porém assim representamos duas tradições marcantes do Ocidente: a da Igreja Católica, na qual se situa a origem da proposta da *Laudato Si'*, que inspirou as indagações primeiras da pesquisa, e que segue atualmente com a figura dialogal do Papa Francisco, e a Igreja Luterana (mencionamos notícias vindas de uma igreja luterana representativa), que está na base da Reforma.

Entre as Igrejas Luteranas, que se organizam a si mesmas de modos diversos, existe uma tradição consagrada de atendimento espiritual aos enfermos e de ritos fúnebres, que passam pela igreja e pelo sepultamento. Os ministros são convocados a dedicarem-se aos seus fiéis de modo particular nas situações de enfermidade e morte. Eles são chamados a visitar a família e o enfermo. Escutam ao enfermo, e embora este não seja obrigado a uma confissão, ele tem a liberdade de abertura do coração e de escuta de palavras de fé, esperança e conforto. Esse atendimento não é chamado de sacramento, mas é prescrito. Para a ocasião da morte, a Igreja Luterana tem ritos para serem efetuados na igreja (templo) e para acompanhar o sepultamento. Os ritos baseiam-se em aspectos da Reforma e em aspectos mais modernos.³⁸ A ênfase não é toda igual à da tradição católica, em particular no que diz respeito à oração pelos mortos; também não aparece de igual modo a compreensão sobre a comunhão dos santos. No entanto, existe nessa celebração litúrgica

³⁸ Ver explanação sobre a formação de ritos luteranos de casamento e funerais, reportando-se aos comentários de Lutero e a ritos mais modernos, em SPINKS, B., *Adiaphora*, p. 7-23.

uma aproximação forte da celebração das exéquias dos ritos católicos, uma vez que tem em vista a fé cristã professada e compartilhada por ambas as tradições cristãs. Nela se tem em comum a base da esperança de ressurreição.

Sobre as diretrizes luteranas de medidas de prevenção na pandemia da COVID-19, tivemos, para nosso estudo, disponibilizado por um pastor luterano, o documento em PDF de orientações das igrejas luteranas. Dentre das diretrizes, dispõe-se sobre a necessidade tanto de procurar manter a assistência espiritual como a necessidade de atender a medidas preventivas contra a pandemia:

Que as pessoas enfermas e seus familiares sejam assistidos pela igreja, através de seus pastores e membros das congregações, da melhor forma possível, recebendo o consolo, o conforto e a orientação necessários em todos os momentos e circunstâncias da vida, mas especialmente necessários em momentos de enfermidade e luto. [...] O decreto presidencial no 10.292, de 26/03/2020, dá aos serviços religiosos, de qualquer natureza, o caráter de “atividades essenciais”, o que assegura a todos o direito de velar e sepultar seus entes queridos em conformidade com os seus costumes e crença. No entanto, isto não desobriga a igreja de tomar todos os cuidados necessários para evitar contágios e a proliferação do vírus. Por isso, o amparo aos enfermos e seus familiares deve ser realizado com os devidos cuidados, seguindo as recomendações das autoridades médicas, para evitar o contágio do coronavírus. Em caso de falecimento, no velório e no sepultamento, faz-se necessária uma série de cuidados.³⁹

A Igreja Católica, por sua tradição, consagra, para o atendimento aos enfermos e aos mortos, diversos ritos litúrgicos, alguns na modalidade de liturgia de sacramentos e outros de liturgia não sacramental. Destacam-se os ritos da unção dos enfermos e os ritos das exéquias. Associa-se, muitas vezes, ao sacramento da unção dos enfermos a oportunidade do sacramento da reconciliação, preferencialmente a ser proporcionado previamente à unção; e, se for indicado, também ao oferecimento do Viático, para a comunhão sacramental. Tem lugar central na celebração cristã a Eucaristia, fonte e cume

³⁹ IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL, Orientações da presidência da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) sobre cerimonial de velórios e sepultamentos no período de risco de contágio do coronavírus [mensagem pessoal]. Mensagem recebida do pastor luterano Laerte Tardelli Hellwig Voss por <mtfcardoso@puc-rio.com> em 29 ago. 2020.

da vida cristã e da liturgia, que também resume o mistério da fé cristã e inclui a oração pelos vivos e pelos mortos.

Do mesmo modo que na tradição luterana, referida acima, recomenda-se ao ministro a disponibilidade de atendimento. Também de modo correspondente, trata-se de um momento de encontro e serviço que deve ser prestado com toda a dignidade, valorizando-se a pessoa que fica enferma ou que morre, bem como toda a sua família. Os ritos devem ser feitos também em acordo com a cultura. Ou seja, não se apliquem de modo universalmente uniforme, mas mesmo dentro do âmbito confessional da tradição católica, eles devem ser realizados respeitando as particularidades das diferentes culturas onde se realizam.

A propósito da pandemia e da necessidade de cuidados especiais, tanto de atendimento como de restrições, a CNBB emitiu orientações pastorais, que são introduzidas de modo longo e cuidadoso, no início do texto, que apresenta normas gerais para os sacramentos e outras celebrações, aludindo tanto ao caráter social e comunitário da igreja e suas celebrações, como à necessidade de cuidados para prevenir à COVID-19. Considera também a importância das iniciativas empreendidas:

Ansiamos por retomar as celebrações litúrgicas com a normal participação de fiéis, o que corresponde à natureza da Igreja, assembleia do Senhor, como nos recordou recentemente o Papa Francisco (Homilia 17 de abril). Mas estamos conscientes de que isso requer um bom planejamento, muita coragem e esperança, pois a Igreja também tem a grave responsabilidade de prevenir o contágio da COVID-19, em sintonia com as autoridades sanitárias.

Nós, bispos do Brasil, nos alegramos por tantas iniciativas que nestes últimos meses fizeram redescobrir e valorizar formas familiares e pessoais de oração e de liturgia doméstica, as quais certamente fizeram reluzir em nossos lares a beleza da espiritualidade vivida e celebrada em família com tantos momentos de oração. Sabemos, contudo, que será necessário ainda algum tempo até que alcancemos o integral restabelecimento da vida eclesial de nossas comunidades e que nada pode e nem deve substituir a vida sacramental e litúrgica delas, fonte e ápice da Igreja.⁴⁰

⁴⁰ CNBB, Orientações da CNBB para as celebrações comunitárias no contexto da Pandemia da COVID-19.

As orientações propostas haveriam de ser adaptadas e completadas pelos Bispos das dioceses, em vista de suas realidades. É o que propõe o restante da introdução das orientações da CNBB:

Assim, na medida em que for retomada, segundo as orientações dos Bispos diocesanos, a participação comunitária em nossas liturgias, será necessário garantir atitudes e posturas contra a infecção. Por isso, a CNBB propõe algumas medidas de proteção que visam o cuidado, a defesa e a preservação da vida. Tais normas de proteção deverão ser implementadas em cada Diocese, levando em consideração as próprias realidades e as orientações dos respectivos Bispos, bem como aquelas das autoridades sanitárias.⁴¹

As orientações da CNBB prosseguem, porém, com indicações básicas específicas para as diversas celebrações litúrgicas, medidas para o cuidado da saúde e da vida. Aplicam-se adaptações, indicadas para esse período de pandemia, e ainda por tempo indeterminado, para a liturgia sacramental e não sacramental, bem como para todas as atividades da Igreja. Assim, além da Eucaristia e outros sacramentos, também as celebrações acima referidas: sacramentos de reconciliação e unção dos enfermos, e ritos de exéquias.

A situação apareceu logo na sua complexidade, mesmo tendo-se em conta que as Dioceses haveriam de pormenorizar as próprias instruções, pois o contexto tornou-se problemático. Tanto nas determinações iniciais de total afastamento social, como ainda para o retorno às celebrações comunitárias, posto que são dadas diretrizes restritivas. As recomendações gerais (CNBB) sobre as restrições da celebração no sacramento da reconciliação são simples, porém pouco factíveis nos espaços habituais dos templos.⁴² De maior relevo são as recomendações das restrições da celebração para o sacramento da unção dos enfermos, que novamente admite procedimentos de higiene mas não contextualiza o interdito hospitalar de caráter estrito

⁴¹ CNBB, Orientações da CNBB para as celebrações comunitárias no contexto da Pandemia da COVID-19.

⁴² “**5. Sacramento da Reconciliação.** 58. Na celebração do Sacramento da Reconciliação, para além das medidas gerais, deve-se escolher um espaço amplo que permita manter o distanciamento entre confessor e penitente, que usarão máscara, sem comprometer a confidencialidade e o inviolável sigilo sacramental. 59. Ao terminar, aconselha-se reiterar a higiene das mãos e a limpeza das superfícies utilizadas”. CNBB, Orientações da CNBB para as celebrações comunitárias no contexto da Pandemia da COVID-19.

relativo a visitação de pacientes internados, mencionando apenas o cuidado com pacientes suspeitos.⁴³ As recomendações das restrições da celebração de exéquias são lembretes de não se pratica contato físico (com o cadáver) que não é mencionado, ou entre os participantes.⁴⁴ Esses ritos são modos de, na concepção cristã católica, expressar-se o acolhimento e a assistência, a comunicação de graça e o fortalecimento, a preparação para viver melhor a enfermidade ou especialmente passar a hora da morte. Como celebrações comunitárias, pretendem corresponder à dimensão social do ser humano. Pretendem também envolver, como unidade, o gesto sensível e a vida interior; bem como a comunhão espiritual. Para as situações de enfermidade e luto, são ritos com caráter solidário, de fortalecimento e reconforto. Neles se expressam a dor, a fé e as esperanças.

Também no âmbito da Igreja Católica a nível universal, houve tentativas especiais de mitigar o problema do amparo ao enfermo e às famílias enlutadas, fornecendo-lhes gestos e palavras que pudessem significar a aproximação da igreja e os dons da graça divina nessa ocasião dramática. Assim parece que possam ser compreendidos os vários eventos interligados que se deram no mês de março, em torno ao Papa Francisco. Desejava-se uma solidariedade com os fiéis e com todo o mundo. O Papa Francisco propôs um momento extraordinário de oração para invocar o fim da pandemia. Fizera um primeiro apelo para uma invocação a Deus, com a oração do Pai-Nosso, em 25/03/2020, junto com os Chefes das Igrejas e os líderes das comunidades cristãs, um gesto ecumênico. O segundo momento para a invocação extraordinária realizou-se no dia 27/03/2020, tendo-se colocado junto à Basílica de São Pedro, na praça onde se efetuou a celebração, dois objetos devocionais utilizados na oração do Papa (um ícone de Nossa Senhora, da Basílica de Santa Maria Maior, e um Crucifixo que, em 1522, fora levado em procissão na cidade de Roma para

⁴³ “**6. Unção dos enfermos.** 60. Redobrem-se os cuidados de higiene e usem-se máscaras de proteção, evitando-se o contato físico na imposição das mãos. 61. Na administração do óleo dos enfermos use-se um pouco de algodão embebido no óleo dos enfermos, de modo a evitar contato físico. 62. Os sacerdotes mais idosos ou enfermos não devem ministrar este Sacramento a pessoas com suspeita de estarem infectadas por coronavírus”. CNBB, Orientações da CNBB para as celebrações comunitárias no contexto da Pandemia da COVID-19.

⁴⁴ “**Exéquias.** 72. As exéquias cristãs devem ser celebradas respeitando os costumes locais com a presença dos familiares, tendo em conta as normas de segurança. 73. Apesar de tal ser difícil nestes momentos de dor, não deixe de se recomendar a omissão de gestos de afeto que impliquem contato pessoal e a importância de se manter a distância de segurança”. CNBB, Orientações da CNBB para as celebrações comunitárias no contexto da Pandemia da COVID-19.

invocar oração para que acabasse a “Grande peste”)⁴⁵ e a celebração, para os fiéis católicos, foi presidida pelo próprio Papa Francisco, que deu uma bênção *Urbi et Orbi*, transmitida pelos canais de comunicação do Vaticano.

Como se tem visto, entre os que se professam cristãos existem crenças fundamentais comuns. Existem também diversidades de ênfases ou de interpretações. Os cristãos vivem suas celebrações segundo suas concepções de fé e os costumes de sua cultura. Isso é previsto nos seus livros litúrgicos, que várias igrejas tradicionais têm para neles pautar seu modo de tratar a questão ou conduzir as providências que se tomam em relação aos enfermos ou com os mortos.

Junto com a pandemia, tornou-se imperioso fazerem-se restrições para as práticas religiosas; fechar-se a participação presencial nos cultos; desenvolver formas de comunicação ou pastoral remotas e alternativas (online). De qualquer modo, o fato é que na maior parte das vezes não se tratou apenas – o que já não é pouco – de se poder ou não frequentar o templo, a vida social paroquial; mas foram hospitais, foram as formas de assistência aos moribundos, mortos e familiares, que na maior parte das vezes tiveram que ser restringidas. A assistência espiritual, também cristã, na assistência aos enfermos, ao atendimento para ajudar a se obter uma boa morte, mais confortada e mais pacífica, mais acercada de presença solícita, ficou evidentemente prejudicada pela condenação à solidão. Cabe a pergunta, se estaríamos face ao caráter flexível de alguns ritos, ou ao contrário, confrontados com uma rigidez, que foi colhida pelo inesperado e também ficou sem diálogo (como na situação amazônica) e sem permitir aprendizado.

Necessariamente a situação impõe restrições com medidas sanitárias. Porém será sempre importante favorecer uma solicitude humana e um atendimento digno. Estar solidários com todos, promovendo e respeitando os serviços da saúde, e os serviços essenciais. Sobre tudo não medir esforços para conter e superar a pandemia. Que as medidas sejam acompanhadas efetivamente de providências cabais de superação da pandemia, sem uma acomodação a distanciamentos ou sem suprimi-los sem maior critério, ou seja, sem uma gestão que procure conter a COVID-19.

Porque é absoluto o valor da vida e, por conseguinte, também é fundamental a questão de uma boa morte assistida, e os ritos fúnebres a que a família tem direito, nas formas de sua cultura, para o seu luto. Como

⁴⁵ AS DUAS orações do Papa para invocar o “fim da pandemia”.

fazer progredir o diálogo da pastoral e das celebrações cristãs junto com o aprendizado colocado por um novo contexto, e da busca de uma pós-pandemia, em perspectiva ecumênica, inter-religiosa e interdisciplinar?

Na medida do necessário, em vista de contribuir, caberia procurar um diálogo de esclarecimento e de compromissos, mas sobretudo de cuidados. Essas questões também envolvem as celebrações dos cristãos, os quais desejam seus ritos e deles sentem falta. Para a expressão de suas crenças e esperanças, de modo a assim organizarem sua vida e suas perspectivas. Do mesmo modo, entre os povos e entre as aldeias, importa respeitar as culturas e os ritos, e buscar algum entendimento que inclua a transcendência.

Conclusão – Antígona fala conosco

A sociedade mais geral foi comparada pelo Papa Francisco a um poliedro,⁴⁶ ao dizer que se tratava de promover diálogos e processos de preparação do futuro, respeitando-se e contribuindo as diversidades. Ao propor a figura do poliedro, inclui faces diversas, pontos não equidistantes, como na esfera. Todos os pontos integram o poliedro e contribuem para ele. Assim as pessoas e tradições podem ser diversas e ter algo a contribuir para o bem comum, ou ainda para “o comum”, tornado um bem que também pode e deve ser bom. Na *Querida Amazônia*, o mesmo Francisco aplicou o tema dessa diversidade (do poliedro) para a Amazônia, no capítulo em que traceja um “sonho cultural”⁴⁷ e menciona o respeito às diversidades na Amazônia, sendo que também alertou para a fragilidade em que estão essas variedades culturais. Nem por se chamar em geral aos territórios e povos de Amazônia, ela seria uniforme. São tantos povos e idiomas. E são aldeias. Estas devem seguir na sua peculiaridade. São culturas. São seres humanos que estabelecem relações com não-humanos e com o além. São grupos que particularmente nos ensinam o quanto estão integrados com a natureza. Assim, na diversidade, cada qual terá seus modos de pensar, de esperar e de agir, e de organizar sua vida; terá seu modo de prantear o luto e estabelecer os ritos correspondentes. Isso precisa ser levado em conta.

No nosso tempo, todos compartilham a ameaça e o sofrimento resultantes da pandemia. Sobe um clamor comum. No entanto, sendo diversos nas culturas, são diversos os ritos. A enfermidade mostra-se

⁴⁶ EG 236.

⁴⁷ *Querida Amazônia*, 28-40.

disruptiva para sepultamentos e ritos/liturgias, mas convoca a novas formas de entender o ecumenismo e a experiência religiosa. Propomos que isto seja entendido no sentido da construção da casa comum e do respeito pelos povos tradicionais de acordo com a encíclica *Laudato Si'*. Como foi observado anteriormente, no contexto atual da COVID-19, uma vez que os povos são atingidos, precisam de cuidados de prevenção e contenção da pandemia. Porém, isso não pode ser feito sem a escuta e o diálogo, para que possa haver o pranto que tem o direito de existir, e possa haver os ritos próprios culturais. Lembre-se que a OMS propôs restrições e considerou também a importância de respeitar as culturas.

Tomemos duas observações, entre muitas possíveis, no contexto do Antropoceno. Uma delas, antes sabida, agora duramente experimentada, é que a vida vem sendo sempre mais ameaçada. As mudanças climáticas e a indústria mundial do abate e da carne trazem consequências drásticas, uma das quais é o favorecimento de zoonoses. Estamos diante da morte que se multiplica de modo inédito. Não se trata mais da natureza ou criação adversa, selvagem, descontrolada.

Do não se respeitar o mundo da natureza ou criação, segue-se para o colapso da própria existência. Se as fronteiras foram ultrapassadas, cabe procurar ao máximo uma situação de estabilização, ou de dignidade na solidariedade e na reinvenção do mundo. Trata-se de prevenir para cuidar da vida; de revalorizar ou reconstruir os sentidos da vida.

Torna-se importante para as religiões e culturas, ou mais pormenorizadamente: para líderes espirituais, agentes religiosos, fiéis, e para a sociedade como um todo, e especialmente para os responsáveis pela gestão pública da saúde e dos rumos do País, buscar políticas de ação que visem a deter e eliminar a pandemia; valorizar a vida e as medidas de prevenção; suprir as lacunas e dialogar sobre os melhores modos de adaptar, reconduzir e tratar as questões da vida e da saúde, do trabalho e da religião. Particularmente, ter em vista que é necessária uma política sobre o luto que considere, além das medidas pela saúde e a vida, a dignidade e as crenças das pessoas, dando-lhes apoio e proporcionando possibilidades dignas de viver o seu luto de suas famílias e da sociedade.

O que se demanda hoje é o respeito pelas pessoas, em particular quando se trata de situações de opressão e exclusão, enfermidade e morte; é o respeito também por todas as criaturas e o destino da casa; é o empenho por construirmos talvez uma casa comum, que seja sim um lugar de habitação e

inter-relações. Um lugar onde se acolha o pranto e onde se faça a celebração das esperanças.

Ao buscar que a teologia dialogue com outros saberes, deseja-se fazer uma pergunta sobre a exigência ética e os valores sagrados quando se trata de respeitar o outro e pensar a missão na Amazônia de modo inovador e mais coerente com os saberes de sociedades tradicionais. Não pode existir uma casa comum sem seus habitantes. Eles não habitam o espaço ou alguma terra qualquer, pois moram em sua terra, apoiados no solo feito da própria terra e junto com o que é comum à floresta, ou seja, uma pletora de seres vivos em troca e diálogo permanente. São integrantes do sistema Gaia, permanentemente atraídos pela gravidade por ela engendrada. Não seria o antropocentrismo um sério obstáculo ao pensamento da casa comum? Em algum momento a fé permitiu que pudéssemos falar com os animais e as montanhas.⁴⁸ Talvez este fosse apenas o momento pré-moderno da teologia cristã, mas a pergunta relevante que se coloca é se seria possível reativar isto.

Antígona, uma filha entre quatro rebentos incestuosos do Rei Édipo, será capaz de levantar céus e terra para sepultar seu irmão, de acordo com as leis do coração e contrariando as leis da cidade. Coloca apenas areia e poeira sobre ele pois não tem força para cavar ocultando-se dos soldados. Súdita, pária, a mais desonrada entre todas e todos, é ela que poderá falar-nos sobre um enterramento digno. Sua religião subterrânea, bem anterior à entrada do termo *pistis* no evangelho, lhe conduz com firmeza pelas chicanas da cidade grega, que condena o cadáver do adversário traidor, seu irmão, aos animais de pasto. Mas Antígona, ao contrário de Ismênia, estava a serviço de divindades familiares de outra estirpe, capazes de contestar a lei dos homens, que ali também era a lei dos deuses. A Teoria do Direito aprendeu com Antígona. O século XIX debateu metafísica, teologia e direito a partir da dicotomia enigmática, cifrada na tragédia maior de Sófocles. Que as questões evocadas com tamanho horror e enorme tristeza em nossa época, possam nos convocar do mesmo modo.

⁴⁸ No Sl 114 (113A),5-6, o salmista interroga o mar, o rio e as montanhas, que teriam reagido favorável e alegremente. Já em Nm 22,28-30, na narrativa sobre Balaão, é a jumenta que o detém, profeticamente, da parte de Deus, seguindo-se um diálogo entre Balaão e a jumenta, e o procedimento dela é confirmado por Deus.

Referências bibliográficas

ALBERT, B. O ouro canibal e a queda do céu: uma crítica xamânica da economia política da natureza (Yanomami). In: ALBERT, B.; RAMOS, A. R. (Orgs.). **Pacificando o branco**: cosmologias do contato no Norte-Amazônico. São Paulo: Unesp, 2002. p. 239-276.

ALBERT, B. **Temps du sang, temps des cendres**: représentation de la maladie, système rituel et espace politique chez les Yanomami du Sud-Est (Amazonie brésilienne). Paris, 1985. Manuscrito. Tese. Université de Paris X.

ALBERT, B. Yanomami: mortos sem sepultura. **Pandemia Crítica**. N-1 **Edições**. Disponível em: <<https://www.n-1edicoes.org/textos/60>>. Acesso em: 31 ago. 2020.

AL-TAWFIQ, J. A.; ZUMLA, A. Travel implications of emerging coronaviruses: SARS and MERS-CoV. **Travel Medicine and Infectious Disease**, v. 12, n. 5, p. 422-428, 2014. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25047726>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

ALVES, R. Circular de orientações para pastores e líderes de igreja quanto ao Coronavírus. **Notícias Adventistas**, 18 mar. 2020. Disponível em: <<https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/comunicacao/circular-de-orientacoes-para-pastores-e-lideres-de-igreja-quanto-ao-coronavirus/>>. Acesso em: 31 ago. 2020.

ARIÈS, P. **Essais sur l'histoire de la mort en Occident**: du Moyen Âge à nos jours. Paris: Le Seuil, 1975.

ARIÈS, P. **L'homme devant la mort**. Paris: Le Seuil, 2014.

AS DUAS orações do Papa para invocar o “fim da pandemia”. **Vatican News**, Roma, 15 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/oracoes-papa-francisco-invocar-fim-pandemia-coronavirus.html>>. Acesso em: 31 ago. 2020.

BALÉE, W. Indigenous transformation of Amazonian forests: an example from Maranhão, Brazil. **L'homme**, n. 126-128 (numéro thématique: La Remontée de l'Amazone), p. 231-254, 1993.

BALÉE, W. Sobre a indigeneidade das paisagens. **Revista de Arqueologia**, v. 21, n. 2, p. 9-23, 2008.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CARNEIRO DA CUNHA, M. C. **Os mortos e os outros**: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.

CARNEIRO DA CUNHA, M. C. Pontos de vista sobre a floresta amazônica: xamanismo e tradução. **Mana**, v. 4, n. 1, p. 7-22, 1998.

CARNEIRO DA CUNHA, M. C. Escatologia entre os Krahó: reflexão, fabulação. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. C. (Org.). **Cultura com aspas**. São Paulo: Ubu Editora, 2018. p. 60-77.

CHAKRABARTY, D. The human condition in the Anthropocene. **The Tanner Lectures in Human Values**, Lectures delivered at Yale University, February, 18-19th 2015, p. 139-188. Disponível em: <<https://tannerlectures.utah.edu/Chakrabarty%20manuscript.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2020.

CNBB. **Orientações da CNBB para as celebrações comunitárias no contexto da Pandemia da COVID-19**. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2020/06/Orientações-litúrgico-pastorais-para-o-retorno-às-atividades-presenciais.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2020.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Portaria conjunta nº 01, 30 de mar. 2020. Disponível em: <<https://www.anoregmt.org.br/novo/portaria-conjunta-no-1-de-30-de-marco-de-2020-estabelece-procedimentos-excepcionais-para-sepultamento-e-cremacao-de-corpos-durante-a-situacao-de-pandemia-do-coronavirus-com-a-utilizacao-da-declara/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

CREUTZEN, P. et al. A safe operating space for humanity. **Nature**, v. 461, n. 7263, p. 472-475, 2009.

DIAMOND, J. **Guns, germs and steel**: a short history of everybody for the last 13,000 years. [s.l.]: Random House, 2013.

ESTELLITA-LINS, C. Ainda sobre os enigmáticos bilhetes de Frederico Furioso em seus últimos dias em Turim. In: DIAS, R. M.; OLIVEIRA, M. G. (Org.). **Nietzsche e as Cartas**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019. p. 81-96.

FINEGAN, O.; FONSECA, S.; GUYOMARC'H, P. et al. International Committee of the Red Cross (ICRC): General guidance for the management of the dead related to COVID-19. **Forensic Science International: Synergy**, v. 2, p. 129-137, 2020.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Loyola, 2015.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html>. Acesso em: 31 ago. 2020.

GORER, G. The pornography of death. **Encounter**, v. 5, n. 4, p. 49-52, 1955.

GORER, G. **Death, grief, and mourning**. New York: Arno Press, 1965.

HEYWOOD, P. The ontological turn. **The Cambridge Encyclopedia of Anthropology**, 2017. Disponível em: <<https://www.anthroencyclopedia.com/entry/ontological-turn>>. Acesso em: 19 out. 2020.

HOLBRAAD, M.; PEDERSEN, M. A. **The ontological turn: an anthropological exposition**. Cambridge / New York / New Delhi: Cambridge University Press, 2017.

IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL. **Orientações da presidência da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) sobre cerimonial de velórios e sepultamentos no período de risco de contágio do coronavírus** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida do pastor luterano Laerte Tardelli Hellwig Voss por <mtfcardoso@puc-rio.com> em 29 ago. 2020.

KANT, I. O fim de todas as coisas. In: BUZZI, R.; BOFF, L. (Coords.). **Immanuel Kant: textos seletos**. Edição Bilingue. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 154-181.

KOHN, E. **Toward an ethical practice in the Anthropocene**. Chicago / New York / Berkeley: University of Chicago Press, 2014.

KOPENAWA, Dario, **Depoimento**. Postado no Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/explore/tags/kopenawa/>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, B. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Editora Schwarcz / Companhia das Letras, 2015.

LATOUR, B. **Politiques de la nature: comment faire entrer les sciences en démocratie**. Paris: La Découverte / Poche, 2004.

LATOUR, B.; CHAKRABARTY, D. Conflicts of planetary proportions – a conversation. **Journal of the Philosophy of History**, v. 14, n. 3, p. 1-36, 2020.

LARRÈRE, C. Biodiversity: Common good or common world? **International Social Science Journal**, v. 64, n. 211-212, p. 125-133, 2013.

MACHADO, L. De cultos online a ‘não leia notícias sobre pandemia’: como as religiões estão lidando com o coronavírus no Brasil. **BBC News Brasil**, São Paulo, 17 mar. 2020. UOL NOTÍCIAS. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/bbc/2020/03/17/de-cultos-online-a-nao-leia-noticias-sobre-pandemia-como-as-religioes-estao-lidando-com-o-coronavirus-no-brasil.html>>. Acesso em: 30 ago. 2020.

MBEMBE, A. O direito universal à respiração. **N-1 edições**, n. 20, 2020. Disponível em: <https://pospsi.com.br/wp-content/uploads/2020/09/TEXTOS_20-achille-mbembe.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

MOURA, M.; ESTELLITA-LINS, C. Xawara e a crise-covid: os Yanomami, luto e luta. **Horizontes Antropológicos**, no prelo, 2021.

NORRIS, A. Jean-Luc Nancy and the Myth of the Common. **Constellations**, v. 7, n. 2, p. 272-295, 2000.

OSTROM, E. **Governing the commons**. Cambridge / New York / Melbourne: Cambridge University Press, 2015.

PANZIG, E. A. “**Gelâzenheit und Abegescheidenheit**”: Eine Einführung in das theologische Denken des Meister Eckhart. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2005.

PIEPER, F.; MENDES, D. (Org.). **Religião em tempos de crise**. São Bernardo do Campo, SP: Ambigrama. 2020. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/ppcir/files/2020/09/Religião-em-tempos-de-crise-ebook.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2020.

POVINELLI, E. A.; COLEMAN, M.; YUSOFF, K. An interview with Elizabeth Povinelli: Geontopower, biopolitics and the anthropocene. **Theory, Culture & Society**, v. 34, n. 2-3, p. 169-185, 2017.

RODRIGUES, E.; GOUVÊA, A. Pentecostalismo, política e conservadorismo. In: PIEPER, F.; MENDES, D. (Org.). **Religião em tempos de crise**. São Bernardo do Campo, SP: Ambigrama. 2020. p. 35-61.

RODRIGUES, I. **Procedimentos e orientações: coronavírus (COVID-19)**. Disponível em <<https://quadranet.com.br/admin/files/procedimento.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2020.

SMILJANIC, M. I. Os enviados de Dom Bosco entre os Masiripiwëitheri: o impacto missionário sobre o sistema social e cultural dos Yanomami ocidentais (Amazonas, Brasil). **Journal de la Société des Américanistes**, n. 88, p. 137-158, 2002. Disponível em: <<http://jsa.revues.org/document2763/html>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

SOUZA, L. L. Comer Animais e Zoonoses: utilidade da pecuária industrial. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, v. 11, n. e 24 (especial Pandemia e Filosofia), p. 1-10, 2020. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/43987>>. Acesso em 31 ago. 2020.

SPINKS, B. Adiaphora: Marriage and Funeral Liturgies. **Concordia Theological Quarterly**, v. 62, n. 1, p. 7-23, 1998.

STENGERS, I. **Cosmopolitiques**. Paris: La Découverte/Poche, 2003. t.1.

STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros Brasil**, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.

WHO/OMS. World Health Organization. Infection Prevention and Control for the safe management of a dead body in the context of COVID-19. **Interim guidance**, Geneva, 2020.

VILAÇA, A. Do Animists Become Naturalists When Converting to Christianity?: Discussing an Ontological Turn. **The Cambridge Journal of Anthropology**, v. 33, n. 2, p. 3-19, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, E.; CARNEIRO DA CUNHA, M. C. Vingança e temporalidade: os Tupinamba. **Journal de la Société des Américanistes**, v. 71, n. 2, p. 191-208, 1985.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Araweté** – os deuses canibais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O recado da mata. Prefácio. In: KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A Queda do Céu**: Palavras de um Xamã Yanomami. São Paulo: Editora Schwarcz / Companhia das Letras, 2015. p. 11-41.

YAACOUB, S.; SCHÜNEMANN, H. J.; KHABSA, J. et al. Safe management of bodies of deceased persons with suspected or confirmed COVID-19: a rapid systematic review. **BMJ Global Health**, v. 5, n. 5, p. e002650, 2020.



Maria Teresa de Freitas Cardoso

Doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Docente do Programa de Pós-Graduação em Teologia
da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro/RJ – Brasil
E-mail: mtfcardoso@puc-rio.br

Carlos Estellita-Lins

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Docente no Programa de Pós-Graduação da Fiocruz no Instituto de
Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde
Rio de Janeiro/RJ – Brasil
E-mail: carlos.estellita@icict.fiocruz.br

Recebido em: 31/08/2020
Aprovado em: 25/11/2020